

## Teatro - Temporada italiana

## 'Volti di donna'

O publico tem ás vezes um estranho senso divinatório. Mas também comete erros imperdoáveis. Comparecendo á terceira representação da temporada italiana em numero menor do que das noites anteriores, parece ter-se baseado unicamente num preconceito: o de que um espetáculo interpretado por uma só pessoa tem de ser forçosamente menos interessante do que aqueles que contam com todo um elenco. O raciocínio é primário, porque, em arte, a qualidade sempre valerá mais que a quantidade, e não levava em consideração um fato: quando uma companhia da responsabilidade do Teatro Estavel de Turim e uma artista do renome de Paola Borboni decidem-se a apresentar, num mesmo programa, cinco peças de um só ato e com uma só personagem, é que têm a certeza de estar oferecendo ao publico um espetáculo realmente de exceção, em todos os sentidos da palavra.

As peças, aliás, não deixam de revelar entre si um certo ar de parentesco, dado talvez pela própria situação que a atriz, sem o querer, propunha aos autores. Sendo todas elas monologos de mulheres entre a maturidade e a velhice, é natural que a solidão acabasse por ser a nota predominante do espetáculo. Solidão de pessoas que já não são tão moças que possam incorporar-se á vida da sociedade, onde outrora foram aceitas e festejadas, e nem tão velhas que aceitem sem algum protesto interior a rotina dos gestos cotidianos e caseiros. Enchem o vazio interior com uma movimentação barulhenta e sem sentido, falam ao telefone, rememoram dias mais felizes, fazem obras de caridade já que não podem fazer outras coisas, lamentam-se que os homens de hoje dêem tão pouca atenção ás mulheres.

Mas esse tema é tratado de modo diverso, quanto ao assunto e tom, pelos cinco autores. A peça mais fraca pareceu-nos a de Stefano Pirandello, "Fim de dia", na qual uma dona-de-casa, um pouco antes de adormecer, procura, sem muito exito, recolher-se em si mesma, fugir á escravização das preocupações e do trabalho diario, talvez porque o feitiço do texto, intimista, melancólico, em meios-tons, presta-se menos a uma forma sem pudores, de contacto direto com o publico, como o monologo.

Dino Buzzati foi o unico que nos deu uma peça de enredo e não de personagem. Partiu de uma situação classica de "grand-guignol": a mulher — no caso uma cartomante de luxo — que recebe um cliente e aos poucos vai percebendo que se trata de um maniaco homicida. Mas algumas diferenças criam a atmosfera exótica: a predição do crime através das cartas, o ato de magia simpática com o boneco de cera, propiciando a morte do assassino e, sobretudo, do ponto de vista teatral, a ausencia do homem, que é visto pela protagonista mas não pelo publico. O

efeito final é de conto fantastico, um pouco como "A dama de espadas" de Pushkin.

Riccardo Bacchelli imagina uma viuva gulosa, tola, rica, satisfeita consigo mas insatisfeita com a vida ("Sto bene, ma mi sento male!"), que tem por ultima confidente — e inimiga — uma garrafa de água mineral. De uma vida feliz, plena, material, sensual, cheia de bons pratos e de "champagne nature" (dito em italiano não teria a mesma graça), aquele regime severo foi tudo o que lhe restou. E nem ao menos pode despedir o exímio cozinheiro, sem culpa alguma dos seus disturbios que os medicos teimam em dizer que são puramente nervosos!

Os monologos comicos devem-se aos dois escritores mais jovens. Talvez não seja pura coincidência, porque cabe á mocidade rir da velhice. Aldo Nicolaj e Carlo Terron parecem pertencer a essa linha de humorismo italiano de após-guerra de que já vimos exemplos por aqui, em algumas fitas e nos "sketches" de Franca Valeri, Bonucci e Capriolli.

Aldo Nicolaj imagina uma prostituta — mas que palavra feia, desagradavel, para nomear uma profissão que ela descreve com tanto carinho, de forma tão humana e edificante! Através de suas reminiscencias, enquanto espera os renitentes fregueses, é toda a historia recente da Italia que perpassa perante nós, entre vista sempre através de sua perspectiva profissional. O fascismo, por exemplo, teve as suas vantagens: foi a epoca da virilidade. A Segunda Grande Guerra, a era dos norte-americanos risonhos, bem lavados, bem nutridos, bem desinfetados e que propunham casamento. Agora, os tempos são outros: nem os peregrinos de Roma a desejam. Que decadencia de costumes!

"La formica" é quase uma sua prima-irmã. Uma artista celebre de revista, uma famosa cantora de café-concerto, a unica, de sua geração, que não foi amante de D'Annunzio (ela não queria que Eleonora Duse soffresse). Os colegas de profissão tudo dispenderam: fortuna, voz, talento. Ela, não: com a sua sabedoria popular, com o instinto feroz da formiga, amealhou riqueza suficiente para viver com despreocupação. Pode dar-se ao luxo de vender a bom preço as suas memorias ás revistas de grande tiragem e comprar quase sem regatear os serviços profissionais de rapazes de excelentes familias. Mas como as coisas andam caras! Se ao menos eles pusessem no trabalho um pouco de sentimento...

Para muita gente monologo significa declamação e declamação significa urros heróicos, efeitos de voz, "glissandos" sensoriais, notas agudas e graves em contraste, pianísimos etc. Os que assim pensam, ou assim pensaram, não conhecem Paola Borboni. Não há atriz mais simples, mais natural, mais dotada de senso de humor. Não diremos que seja contida porque ela é dessa maneira porque é, espontaneamente, com o bom gosto e a graça natural que Deus lhe deu. Cada um dos cinco "retratos de mulher" surgiu com espantosa clareza, sem que a atriz contrafizesse, timbres ou gestos, sem que se caracterizasse além do estritamente necessario, sem que precisasse se exaltar ou se refrear artificialmente. A diferença estava sempre no pensamento, na empostação psicologica e social da personagem. Não chamariamos a isso virtuosismo porque a palavra dá uma idéia de exibição, de prodigio, de fenomeno, inteiramente alheia á personalidade de Paola Borboni.

A reação do publico, calorosíssima, teve o mesmo carater de espontaneidade. Não a ovação convencional que se tributa ao "monstro sagrado", que acaba de realizar o seu numero e espera o nosso aplauso, mas essa prova de agradecimento, de afeição, de estima, de admiração pela artista e simpatia pela pessoa humana, que não saberíamos exprimir a não ser irracionalmente, com o corpo, com as palmas de nossas mãos.

É possível que "Volti di Donna" seja encenada novamente. Um conselho de amigo, para os que gostam de teatro: não percam.